

Meu Mar

THATIANE SANTOS DE OLIVEIRA

intransitiva
• revista

HERANÇAS QUE RECEBEMOS, LEGADOS QUE DEIXAMOS (V. 5, N. 2, 2021)

Meu Mar

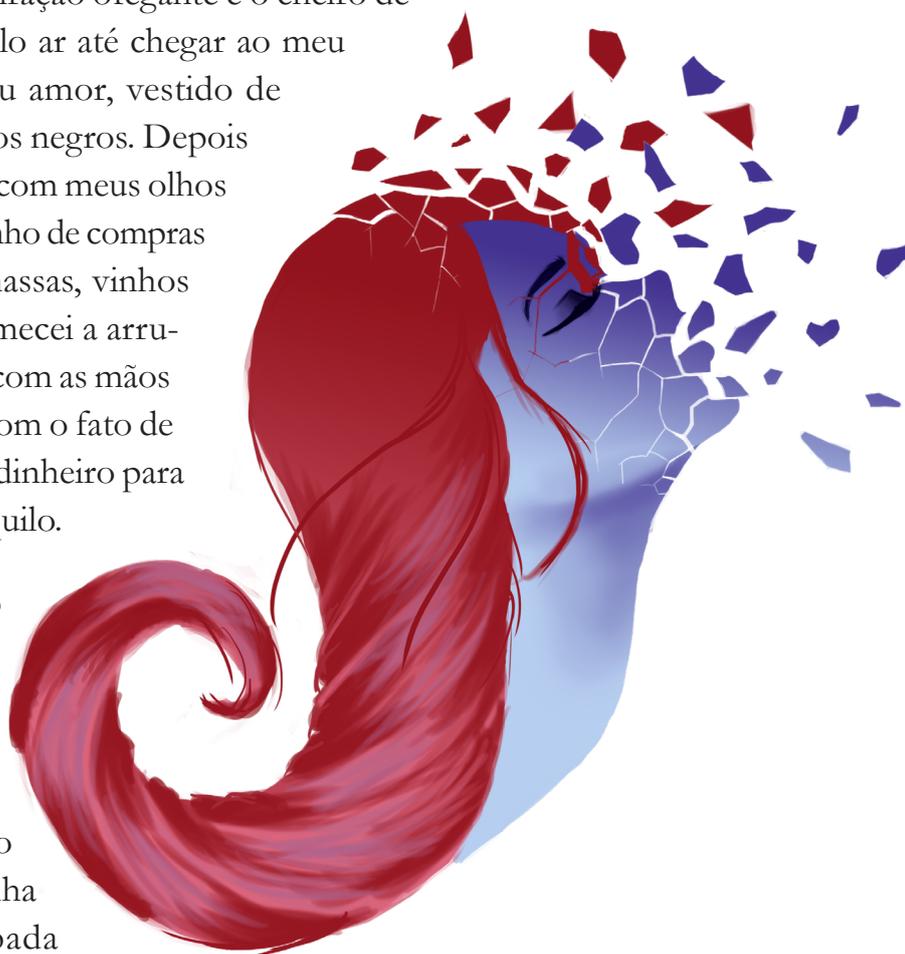
Thatiane Santos de Oliveira

Um, dois, três, cliques no celular. Idas e vindas a cada informação sobre o plantão do Dan no hospital que me marcam como tatuagem. Grãos, proteínas, café, e mais café. Coloco tudo no carrinho de compras e sigo em direção ao atendente de caixa.

Olhando os ponteiros do relógio pendurado na parede amarela do supermercado, penso no meu namorado que já devia ter chegado do trabalho. Uma, duas, três. Cada hora fazia minha carne reclamar ainda mais da posição em pé, um prego pregado ao chão de madeira espelhado. Cabia a mim suportar sua ausência. Mas duvidava se conseguiria.

Dan aparece, respiração ofegante e o cheiro de canela a exalar pelo ar até chegar ao meu lado. Era ele, meu amor, vestido de branco e de cabelos negros. Depois de acompanhá-lo com meus olhos até pegar seu carrinho de compras lotado de água, massas, vinhos e mais vinhos, comecei a arrumar minha franja com as mãos úmidas, nervosa com o fato de não termos tanto dinheiro para pagar por tudo aquilo.

De repente, sinto uma mão pousar no meu ombro e seus olhos cor de mar transbordam sobre o tecido vermelho da minha camiseta estampada



#SavetheAmazon, gotas pesadas penetram no interior da fibra, deixando marcas de sua existência. Um legado cravado no objeto, uma herança talvez, para nossa futura filha consciente das questões ambientais que acabaram culminando no mundo em que vivemos.

— Vou limpar! — anunciou, de súbito.

Com as mãos acabava por espalhar mais o líquido pela camiseta, e eu olhava seu empenho sem dizer nada, pois frequentemente esquecemos de que a vida é uma onda que desaparece ao se quebrar no mar, é breve.

Calmo enquanto suas lágrimas secavam no rosto, eu voltava a olhar a fila desaparecer a nossa frente, e suas mãos frias tentavam pentear meus cabelos e as minhas iam em direção ao seu rosto marcado pela máscara de serviço. A pele ferida se destacava em sua face magra, sentia sua dor ao franzir de cada toque meu em suas marcas pelo dia a dia no hospital.

Com movimentos rápidos como uma boneca de posto de gasolina antigo pedi calma para o atendente, enquanto procurava cartões de créditos que seriam aprovados sem problemas. Um abraço, um abraço com tanta força que me fez desmanchar até virar um ser que já não cumpria seu propósito, alegrar seus dias e ficar ao seu lado em vigília, você tentou me encher com o ar que saía dos seus lábios, mas meu corpo os queimava.

Depois daquele dia, nunca mais consegui te chamar. E as filas dos supermercados já não existem, lembranças que deixamos na memória, porque agora não conseguimos dizer nada, não éramos nós. Amigos, amantes, cúmplices. Eram somente suas lágrimas, o legado do seu amor, seu choro depois de lutar uma guerra profana ao me levar ao hospital naquele final de noite, em chamuscas em seus braços firmes até chegar à parede de vidro que nos separou. Enquanto abafava seu choro, eu contava as horas para poder abrir os olhos, mas desisti, não podia contar pra sempre.

Sobre a autora

Estudante da UFRJ.